

A ESTRUTURA ESQUEMÁTICA DE GÊNERO E AS RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS EM UM EXEMPLAR DE GÊNERO DA FAMÍLIA DO ARGUMENTAR¹

*Angela Maria Rossi**

*Gesselda Somavila Farençena***

RESUMO

Sob o enfoque de gênero da Escola de Sydney (ROSE; MARTIN, 2012) e da Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), este artigo objetivou verificar como as relações lógico-semânticas contribuem para a organização da Estrutura Esquemática de um exemplar do gênero discussão. Como predominantes, verificaram-se relações hipotáticas e paratáticas de intensificação, além de simplesos.

PALAVRAS-CHAVE: estrutura esquemática de gênero; relações lógico-semânticas; gênero discussão.

Recebido em: 31 mai. 2017

Aprovado em: 15 set. 2017

Introdução

Na teoria sistêmico-funcional de linguagem, Halliday (1989) esclarece a concepção de linguagem como um sistema intrínseco às experiências humanas e por meio da qual se torna possível a interação e a comu-

¹ Artigo resultante dos estudos realizados na disciplina de “Teoria e Análise Linguística”, ministrada pela Prof^a Dr^a Sara Regina Scotta Cabral, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, no 1º semestre de 2016. Agradecemos à professora as valiosas contribuições.

* Doutoranda em estudos linguísticos na Universidade Federal de Santa Maria.

** Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria.

nicação entre grupos sociais. Ao interagirem e comunicarem-se, esclarecem Halliday e Matthiessen (2004), indivíduos e grupos fazem escolhas dentre um grande número de opções que o sistema linguístico disponibiliza. Essas escolhas, por seu turno, são determinadas pela função retórica do texto (o propósito), pelo contexto e pelas representações que norteiam o grupo ou sociedade a que o falante/autor pertence. Nesse sentido, em textos argumentativos, de modo especial, as escolhas assumem relevante papel, uma vez que esses textos intencionam convencer ou persuadir as pessoas sobre um ponto de vista em diversas situações e promover diferentes reflexões sobre diferentes práticas sociais.

Nessa perspectiva, com base em um estudo piloto, o objetivo deste artigo é verificar, sob a perspectiva de gênero da Escola de Sydney, como as escolhas referentes às relações lógico-semânticas contribuem para a organização da Estrutura Esquemática de um exemplar do gênero discussão, considerando a linguagem instanciada em textos, explicam Halliday e Matthiessen (2014), as orações ligam-se umas às outras formando complexos oracionais. Com esse propósito, este artigo se sustenta teoricamente na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), aliando a perspectiva de gênero da Escola de Sydney à Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) hallidayana.

No intuito de expor brevemente as concepções teóricas que fundamentam essa pesquisa, na primeira seção, com base em Martin (2009) e Rose e Martin (2012), discorreremos sobre a perspectiva de gênero da Escola de Sydney. Na sequência, com base em Halliday e Matthiessen (2004; 2014), o foco da exposição é a metafunção ideacional lógica. Concluída a explanação teórica, apresentamos nossas escolhas metodológicas, que antecedem a análise e a discussão dos resultados obtidos. Por fim, expomos algumas considerações que julgamos relevantes.

Gênero pela perspectiva sistêmico-funcional

Do aparato teórico sistêmico-funcional, a abordagem australiana de gêneros se apropria do conceito de linguagem, entendida não como um conjunto de regras, mas sim como recursos para construir significados de escolhas realizadas pelos usuários da língua. Esses significados estão vinculados, em um plano mais amplo, ao contexto de cultura e, em um plano mais específico, ao contexto de situação.

No contexto de situação, propõe Halliday (1989, p. 12), coexistem três variáveis – campo, relações e modo –, as quais determinam o registro da linguagem.

Partindo dessa concepção, Martin (2009) explica que, quando envolvidas em certas atividades sociais associadas a registros específicos, ao se comunicarem, as pessoas organizam seu dizer em etapas e fases apropriadas à realização de determinado propósito. Nesse processo de comunicação, conforme o autor, está envolvido algum gênero, ou seja, “um processo social orientado para fins específico⁴” (MARTIN, 2009, p. 6). Assim entendidos, segundo Martin (2009), os gêneros são estruturados em etapas, porque se organizam pela significação e se operacionalizam para alcançar algo na cultura e no social. Por conseguinte, inserido em uma configuração específica de registro, um texto pode apresentar escolhas linguísticas concernentes ao campo, às relações e ao modo, e também pode instanciar um gênero particular em que sua realização condiciona o contexto de cultura. Para isso realizar, as categorias para a análise de textos são descritas pela Gramática Sistêmico-Funcional.

Nesse sentido, gêneros são definidos “funcionalmente a partir do seu propósito social⁵” (EGGINS e MARTIN, 1997, p. 236), em associação com o contexto de situação e a organização estrutural dos aspectos linguísticos (o registro) (MARTIN, 2009, p. 13). Eggins e Martin (1997, p. 236) explicam que “diferentes gêneros são formas distintas de usar a linguagem para alcançar diferentes metas estabelecidas culturalmente, e textos de gêneros diversos são textos que buscam diferentes propósitos na cultura⁶”.

De acordo com Martin (2009), a linguagem está atrelada ao modo como a usamos para viver. Dessa forma, a Teoria de Gêneros e Registro (doravante TGR, em português) busca descrever a maneira pela qual os indivíduos mobilizam a língua para comunicarem-se, em outras palavras, é “uma teoria das fronteiras do nosso mundo social e nossa familiaridade com o que esperar⁷” (MARTIN, 2009, p. 13).

Da observação das regularidades associadas a diferentes propósitos e sua realização linguística em variados contextos, Rose e Martin (2012) propõem os gêneros segundo uma taxonomia organizada por seus propósitos sociais e por

⁴ “[...] genres as staged, goal oriented social processes [...]”.

⁵ “[...] define genres functionally in terms of their social purpose”.

⁶ “Thus, different genres are different ways of using language to achieve different culturally established tasks, and texts of different genres are texts wich are achieving different purposes in the culture.”

⁷ “Genre theory is thus a theory of the borders of our social world, and our familiarity with what to expect.”

contrastes em suas características. Assim, os teóricos organizaram um mapa dos gêneros conforme as funções de envolver, informar ou avaliar. Nesse sentido, o propósito comum de histórias é envolver determinado público; dos textos factuais é informar os leitores; e o dos textos avaliativos é avaliar questões relativas ao ponto de vista, isto é, a construção argumentativa (ROSE; MARTIN, 2012, p. 128). No grupo dos gêneros do avaliar, encontra-se a família do argumentar, para a qual voltamos nosso foco neste trabalho.

Como um dos pontos norteadores da taxonomia proposta pela Escola de Sydney, está a distinção entre dois tipos básicos de textos: os que são organizados cronologicamente segundo a sequência de eventos que eles descrevem, e aqueles que são retoricamente organizados em termos de um argumento que se desdobra (MARTIN, 2009). Os textos desenvolvidos em torno do desdobramento de um argumento, explica Martin (2009), podem ser unilaterais, com o escritor/falante apresentando seu posicionamento, caracterizando uma exposição, ou multilaterais, com o escritor/falante debatendo dois ou mais pontos de vista sobre um mesmo assunto, caracterizando uma discussão. No Quadro 1, as etapas típicas aos gêneros exposição e discussão, assim como aos demais gêneros do avaliar, são especificadas, juntamente com o propósito que realizam.

Função social	Família de gêneros	Gênero	Propósito	Etapas
Avaliar	Argumentos	Exposição	Defender um ponto de vista	Tese Argumentos Reiteração
		Discussão	Discutir dois ou mais pontos de vista	Questão Lados Resolução
	Reações a textos	Resposta crítica	Desafiar/contestar um texto	Avaliação Desconstrução Desafio
		Resenha	Avaliar um texto verbal, visual ou musical	Contexto Descrição do texto Julgamento
		Interpretação	Interpretar a mensagem de um texto	Avaliação Sinopse do texto Reafirmação

Quadro 1 – Taxonomia dos gêneros sob a perspectiva da TGR, adaptado de Gouveia (2014), com base em Martin e Rose (2012).

De acordo com o quadro 1, exposição e discussão correspondem aos gêneros pertencentes à família do argumentar, cujo propósito se centra em avariar questões e pontos de vista (ROSE, 2011). No gênero exposição, segundo Rose (2011, p. 22), ocorre a defesa de um ponto de vista por meio da afirmação de uma Tese, pautada em uma série de Argumentos, e de sua Reiteração, as três etapas composicionais típicas da Estrutura Esquemática do Gênero.

No gênero discussão, por outro lado, os textos que o instanciam, de acordo com Rose (2011, p. 22), debatem dois ou mais pontos de vista sobre um determinado tema. São organizados em três etapas: começam por expor uma Questão, apresentando os diferentes Lados do debate, e concluem com uma Resolução para a discussão. Como a instanciação desse gênero pode incluir diferentes Lados, as fases que constituem essa etapa podem ser rotuladas como “lado 1”, “lado 2”, e assim sucessivamente (ROSE, 2011, p. 22).

Entre as etapas e fases que constituem o gênero, há relações semânticas que promovem a progressão do texto e a coesão, de modo que a Estrutura Esquemática resultante dessa conjugação possa, de fato, atingir o fim a que se propõe. Uma das possibilidades de verificarmos quais e como essas relações se estabelecem, a exemplo do que é proposto por Martin e Rose (2008), é por meio da análise de categorias do complexo oracional, advindas da metafunção ideacional lógica da Gramática Sistêmico-Funcional hallidayana, sobre a qual discorreremos na próxima seção.

Gramática sistêmica-funcional

A linguagem, segundo a perspectiva sistêmico-funcional, é um sistema semiótico que se baseia na gramática e apresenta características de uma organização em estratos. Essa estratificação é diferenciada com base em uma ordem de abstração, sendo a semântica, em um ponto mais alto da escala, realizada pela léxico-gramática, pelo sistema de fraseado. A léxico-gramática, por sua vez, é realizada pela fonologia e pela grafologia, sistema de som, fonemas e letras, que constituem as palavras. Todos os sistemas e todos os estratos estão envolvidos pelo contexto, estrato de maior abstração.

No estrato da semântica, Halliday e Matthiessen (2004) explicam que a gramática é vista como uma rede de escolhas significativas e inter-relacionadas. Essa rede se organiza em sistemas, e cada sistema é determinado pela escala

de níveis: na oração, no sintagma, no grupo e em seus complexos associados, todos na léxico-gramática.

Na léxico-gramática, segundo Halliday e Matthiessen (2004), a oração é entendida como uma combinação de três estruturas diferentes oriundas de componentes que correspondem a três metafunções da linguagem, definidas por Halliday e Matthiessen (2004; 2014) como **ideacional**, **interpessoal** e **textual**.

A metafunção ideacional constrói os significados de nossa experiência do mundo exterior ou interior, representando-os por meio do sistema de transitividade, e divide-se em dois tipos: a metafunção experiencial e a metafunção lógica (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Na metafunção experiencial, prioriza-se a linguagem no nível da oração e os seus três componentes – processos, participantes e circunstâncias. Na metafunção lógica, considerada neste trabalho, por outro lado, a linguagem é vista de cima, no nível do complexo oracional, apresentado em seguida.

O complexo oracional

A linguagem se instancia em texto, e este se realiza em orações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Essas orações, conforme Halliday e Matthiessen (2014), podem ligar-se umas às outras formando complexos oracionais. Segundo expressa Eggins (2007), os falantes/escritores podem combinar em suas escolhas léxico-gramaticais orações simples e complexas, formando determinados tipos de complexos oracionais. Nesse sentido, essas estruturas do sistema de significado lógico trabalham junto com as estruturas experienciais da transitividade e expressam significados ideacionais, transformando a vida em textos.

Considerando do ponto de vista de como o fluxo dos eventos é construído no desenvolvimento de um texto no nível semântico, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014), há dois sistemas que determinam como as orações podem se relacionar entre si: (i) **o sistema de taxis**, que se refere ao grau de interdependência entre as orações – *parataxe* e *hipotaxe*; (ii) **o sistema lógico-semântico**, que diz respeito às relações de combinação entre um elemento primário e um secundário, ou seja, de um par de orações – *expansão* e *projeção*.

Halliday e Matthiessen (2014) explicam que *parataxe* e *hipotaxe* são relações gerais que definem complexos em qualquer nível (oração, grupo, sin-

tagma, palavra). Na parataxe, as orações ligam-se umas às outras com menor grau de interdependência, visto que os elementos ligados são livres e apresentam *status* de igualdade. Em princípio, é logicamente simétrica e transitiva. Na hipotaxe, por outro lado, as orações são interdependentes e, por apresentarem *status* desigual, uma delas sempre será dominante sobre as demais, dependentes. Dada a desigualdade de *status* entre as orações, a relação hipotática é logicamente não simétrica e não transitiva.

A estrutura hipotática é identificada com letras gregas, e a oração dominante é sempre α ($\alpha^{\wedge}\beta$ ou $\beta^{\wedge}\alpha$), assim, os elementos estão ordenados em dependência segundo (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014). Na estrutura paratática, a representação é dada pelos numerais cardinais em ordem crescente (1[^]2).

Halliday e Matthiessen (2014) consideram que as relações lógico-semânticas podem ocorrer entre um membro primário e um secundário de um nexos oracional, e é possível agrupá-las com base em duas relações fundamentais: expansão e projeção. Para tanto, a expansão estabelece relação entre fenômenos pertencentes à mesma ordem experiencial, já a projeção associa um fenômeno a outro de ordem superior da experiência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Na expansão, os fenômenos são da mesma ordem de experiência e a oração secundária expande a oração primária de três formas: por elaboração, extensão e intensificação. Na elaboração, segundo Halliday e Matthiessen (2014), representada pela notação (=), uma oração (ou uma porção dela) expande outra ao elaborá-la, em outras palavras, especifica-a em maiores detalhes, comentando-a ou exemplificando-a. Na extensão, identificada pela notação (+), uma oração expande outra ao adicionar-lhe algum elemento novo, apresentando uma exceção ou oferecendo uma alternativa. Por fim, na intensificação, representada pela notação (x), uma oração reforça o significado de outra, qualificando-a com uma característica circunstancial de tempo, lugar, modo, causa ou condição.

Em relação à projeção, segundo Halliday e Matthiessen (2014), a oração secundária é projetada pela oração primária, que a instaura como uma locução, representada por aspas duplas (“), ou como uma ideia, simbolizada por aspas simples (‘). Segundo os autores, a projeção pode envolver qualquer um dos dois níveis do plano do conteúdo da linguagem – projeção de significados (ideias) ou projeção de palavras (locução). Esta distinção pode ser refletida em convenções de desenhos animados: as ideias são representadas em “nuvens”,

enquanto as locuções são representadas em “balões”. Nesse sentido, por meio da projeção, uma oração é configurada como a representação do conteúdo linguístico de outra – ou o conteúdo de uma oração verbal, ou o conteúdo de uma oração mental (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Halliday e Matthiessen (2014) também indicam a existência de um mecanismo semogênico – criador de significado –, nomeado de encaixamento (indicado pela notação ([[]])), por meio do qual uma oração funciona como um constituinte dentro da estrutura de um grupo nominal, que é, por sua vez, um constituinte da oração. Nesse sentido, os encaixamentos não possuem valor de oração e, portanto, não constituem complexos oracionais, mas apenas simplexos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Os significados criados por encaixamentos ou por relações lógico-semânticas entre orações contribuem não apenas para a construção coesiva e semântica de simplexos e complexos oracionais, mas também para a organização global do texto. Cientes disso, na próxima seção, detalhamos a metodologia adotada para verificar como as etapas e fases relacionam-se entre si na composição da Estrutura Esquemática de Gênero a partir de categorias da metafunção ideacional lógica aqui descritas.

Metodologia

Nesta seção, apresentamos o universo de análise, a constituição do *corpus* e os procedimentos da análise dos dados.

Universo de análise

Na intenção de situarmos contextual e conceitualmente o *corpus* de análise, mostramos aspectos relevantes para o conhecimento do contexto de produção e circulação do exemplar de artigo de opinião selecionado.

O artigo de opinião, segundo Marques de Melo (2003), pertence à ordem do argumentar, pois apresenta tipicamente a discussão de assuntos ou problemas sociais polêmicos, considerando um posicionamento para a sustentação de uma ideia. Por meio da argumentação, esclarecem Boff, Köche e Marinello (2009), os artigos de opinião usam a argumentação para analisar, avaliar e responder a alguma questão controversa.

Além disso, artigos de opiniões caracterizam-se por expressarem a opinião de uma autoridade ou não no assunto abordado; normalmente, discutem temas atuais de relevância social, política ou cultural relevante para os leitores. No caso deste trabalho, o texto que constitui o *corpus* de análise (ANEXO A), intitulado sob o título “A mágica da educação”, aborda, como assunto, a educação. Na sequência, explicamos como foi realizada a seleção do *corpus*.

Seleção do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por um exemplar de um texto argumentativo sobre a temática da educação, cuja publicação se deu em 6 de março de 2013, na revista *Veja*. Em relação ao artigo de opinião, escolhemos por pertencer à família do argumentar e por desempenhar um papel fundamental na sociedade a partir da interação entre autores e leitores em revistas/jornais impressos ou *on-line*. Além disso, é bastante utilizado no ensino da argumentação e produção textual nas escolas brasileiras.

Elegemos a revista *Veja* pela representação social e jornalística que exerce na sociedade brasileira, uma vez que atinge alcance nacional e por ser caracterizada como um veículo de informação que aborda diferentes temáticas em suas edições: política, economia, artes, educação, entre outras. Sobre o autor do texto – Cláudio de Moura Castro – sabemos que é renomado por apresentar temas sobre economia e educação.

Além dessas escolhas, os procedimentos de coleta seguiram os seguintes passos:

1. ter como meio de veiculação a internet;
2. pertencer ao discurso jornalístico;
3. ser denominado artigo de opinião e ser argumentativo;
4. tratar sobre a temática da educação.

Procedimentos de análise

Após a delimitação do nosso *corpus*, passamos à análise dos dados de acordo com os seguintes passos:

1. descrição e análise das variáveis de registro: campo (a natureza da ativi-

dade social representada), relações (as relações existentes entre os participantes da interação) e modo (o papel da linguagem no processo comunicativo);

2. identificação dos complexos oracionais;

3. segmentação dos complexos oracionais em orações;

4. identificação e categorização das relações de interdependência (parataxe e hipotaxe) e das relações lógico-semânticas (projeção ou expansão) e de seus subtipos (locução ou ideia; elaboração, extensão ou intensificação, respectivamente);

5. identificação das etapas e das fases características ao gênero dominante no texto a partir da identificação de seu propósito comunicativo e nas relações lógico-semânticas que são estabelecidas pelos complexos oracionais na organização do texto.

A seguir, passamos à discussão dos resultados, que foi dividida em dois momentos: análise do registro e análise das relações lógico-semânticas na organização da Estrutura Esquemática de Gênero.

Resultados e discussões

Nesta seção, apresentamos a configuração de registro correspondente ao exemplar de artigo de opinião analisado, a Estrutura Esquemática verificada e as relações lógico-semânticas que contribuem para a indicação das etapas e fases do gênero. Buscamos interpretá-las e relacioná-las entre si, a fim de atender ao objetivo desse artigo de verificar quais relações lógico-semânticas contribuem para organização da Estrutura Esquemática de um exemplar de gênero na família do Argumentar na perspectiva da Escola de Sydney. Nesse intuito, inicialmente, na Análise do registro, examinamos o artigo de opinião, levando em consideração as três variáveis do contexto de situação proposto por Halliday (1989) – campo, relações e modo. Logo após, na seção seguinte, verificamos a Estrutura Esquemática de Gênero e as relações lógico-semânticas envolvidas na sua delimitação.

Análise do registro

No exemplar do texto analisado, a situação instanciada pela linguagem tem como **campo** o enfoque de questões educacionais, especificamente, a importância da educação ligada à prática profissional (“educação”, “vida profis-

sional”, “deixar a Escola”, “encontrar um emprego”, “número de anos de estudo”). Também está relacionada com questões econômicas (“o contracheque”, “mais ganhamos”, “mercado valoriza”, “desempenho profissional”, “no curso da sua vida profissional”, “salário pode duplicar ou triplicar”).

No que diz respeito às **relações**, os participantes da interação são o articulista, o responsável pela escrita do texto e os leitores. Esses leitores, considerando a fonte de publicação do texto, com versões impressas e digitais, constituem público leitor da revista *Vêja on-line* ou impressa. Pode-se inferir que, entre os participantes – leitores e articulista –, há uma relação de formalidade, com um pouco de proximidade, devido aos empregos de formas de tratamento em primeira pessoa do plural (“sabemos”, “vamos”, “acreditamos”, “nossa”, “pleiteamos”, “esquecemos”).

Sobre a variável **modo**, é possível verificar a presença constante de orações na voz ativa, que, segundo KOCH (2004), é uma característica linguística da modalidade argumentativa. Outro recurso encontrado no texto são os qualificadores (“estudo é *o mais poderoso* determinante”, “esses aumentos são *espantosamente maiores*, salário *mediocre*). O texto é produzido no modo escrito, conta com o emprego de uma linguagem adequada à norma e com escolhas de verbos no presente (“é”, “sabemos”, “acreditamos”, “iniciamos”), o que, segundo Koch (2004), é outra característica da argumentação.

Com a descrição do modo, das relações e do campo, aqui apresentada, delineamos o registro do texto “A mágica da educação”. Considerando que o gênero resulta da combinação entre um registro específico e um determinado propósito comunicativo, na próxima seção, apresentamos a análise da Estrutura Esquemática de Gênero e das relações lógico-semânticas que a organiza quanto às etapas e fases, tendo em vista o contexto verificado.

Relações lógico-semânticas na organização da estrutura esquemática de gênero

No texto “A mágica da educação”, publicado em 6 de março de 2013, Cláudio de Moura Castro discute a importância de ações para promover uma educação permanente no decorrer da vida de cada indivíduo, uma vez que é por meio do investimento educacional contínuo que se pode ter uma ascensão profissional. Com esse propósito, é possível verificar que o autor organiza seu texto em

três etapas – Questão, Lados e Resolução – o que caracteriza a Estrutura Esquemática típica do gênero discussão, conforme pode ser verificado no Quadro 2.

Etapas e fases do gênero		A Mágica da Educação
Questão		Vale a pena refletir sobre o elo entre a Educação e o que acontece com nossa vida profissional. Sabemos que, ao deixar a Escola e encontrar um emprego, o número de anos de estudo é o mais poderoso determinante do que vamos ganhar. Como regra geral, quanto mais se estuda, mais o salário inicial é elevado — embora varie de acordo com a oferta e a procura de competências.
Lados	lado 1	Se acreditamos que o contracheque reflete a nossa contribuição para a produtividade da empresa, os anos de estudo são a maior fonte de progresso. É o que Adam Smith dizia e que já foi exaustivamente medido. De fato, quanto maior o estoque de Educação com o qual iniciamos a vida profissional, mais ganhamos. Ou seja, no dia em que pleiteamos um emprego, o mercado valoriza o que aprendemos na Escola. Portanto, há boas razões para a Escola ensinar bem aquilo que conta para um bom desempenho profissional. Mas os números contam mais histórias. Quem estudou pouco ou nada não só começa com um salário medíocre, mas permanece a vida toda no mesmo nível. Já para os que têm mais Educação, no curso da sua vida profissional, o salário pode duplicar ou triplicar. Esses aumentos são espantosamente maiores do que o benefício de entrar mais educado no mercado de trabalho — no caso, comparado com quem tem menos Escolaridade. Nosso primeiro salário reflete aqueles conhecimentos que a Escola nos deu e que o mercado valoriza. É fácil entender.
	lado 2	Em boa medida as empresas remuneram de acordo com a capacidade de produzir de cada um — e com a escassez relativa daquele perfil de mão de obra, mas não precisamos aqui entrar nesses complicadores. Se pagam cada vez mais, ao longo da nossa carreira, se o salário segue crescendo, isso significa que nos tornamos mais produtivos. É forçoso concluir que, de alguma forma, continuamos aprendendo. Ficamos mais educados, apesar de não estarmos mais na Escola. Em outras palavras, os aumentos ao longo dos anos só podem ser explicados pela capacidade de aprender com a experiência vivida. Esse amadurecimento ao longo da vida — fortemente influenciado pela nossa Educação formal prévia — metamorfoseia-se em maior produtividade. Eis a mágica da Educação! Visto de outra maneira, o que aprendemos na Escola e tem uso imediato aumenta os salários, mas não tanto. Conta mais o que aprendemos depois.

Resolução	<p>Logo, seja do ponto de vista individual, seja do da empresa, o aprendizado mais valorizado economicamente é aquele que se dá durante a vida profissional, não antes.</p> <p>Tudo o que puder ser feito para maximizar o aprendizado ao longo da nossa carreira se traduz em avanços nos rendimentos. É importante lembrar, conta a qualidade da Educação que tivemos. Não são quantos fatos e fórmulas decoramos, mas a capacidade de ler. Escrever, pensar, decifrar o mundo ao nosso redor, bem como identificar e encontrar soluções para os problemas que vão aparecendo.</p> <p>Pela vida afora, ajudará tudo o que possa facilitar, incentivar e promover o aprendizado, até o máximo condizente com o potencial de cada um. Ajudam os cursos, mentores, estágios ou grupos de discussão. Essa é a boa tese da Educação Permanente. Mas nem tudo vem de fora. Também funciona o esforço próprio, autodidata, de maneira totalmente informal. E mais ainda, avançamos mercê de uma insaciável curiosidade e de uma atitude de sempre fazer perguntas e procurar respostas. O que importa é a busca incansável de formas de alimentar a nossa sede de conhecimentos e de novas soluções.</p> <p>Nossa carreira depende do esforço para continuar a aprender. O tesouro da Educação não está no diploma e no que Ensinou a Escola, mas sim no que ela nos permite crescer depois.</p>
-----------	---

Quadro 2 – Exemplificação da Estrutura Esquemática do Gênero discussão (traduzido de Rose, 2011, p. 23).

O texto é principiado pela etapa Questão, que contextualiza o assunto abordado no decorrer do texto e introduz a problemática em torno da qual a discussão se desenvolverá: as implicações da qualificação formal e da formação prática na remuneração do profissional, como mostra o Quadro 3.

Notação	Texto			
	Vale a pena [[refletir sobre o elo entre a Educação e o que acontece com nossa vida profissional.]]			
$\alpha^{\wedge}\beta(\alpha[[]]<<x\beta(1^{\wedge}x2)>>)$	A	Sabemos		
	B	A	que,	
		x β	1	<<ao deixar a Escola
			x2	e encontrar um emprego>>,
$\alpha[[]]$	o número de anos de estudo é o mais poderoso determinante [[do que vamos ganhar.]]			

Quadro 3 – Ocorrência de simplexo e complexo oracional

No Quadro 3, percebemos que o articulista introduz o texto com um simplexo em que expõe a pertinência de “refletir sobre o elo entre a Educação e o que acontece com nossa vida profissional”, já sinalizando o assunto a ser abordado. Em seguida, essa avaliação inicial é desenvolvida por meio de uma projeção de ideia, a qual apresenta informações como conhecimento compartilhado com o leitor, uma vez que usa o processo mental na primeira pessoa do plural (“sabemos”). O que é sabido é textualizado na projeção por relações lógico-semânticas de intensificação temporal. Ao combinar hipotaxe e parataxe, o autor explicita que, ao encontrar um emprego logo após concluir os estudos, quanto mais numerosos forem os anos dedicados a eles, melhor a remuneração recebida pelo profissional. Ou seja, a reflexão inicialmente proposta ganha um direcionamento: a “Educação” influencia “nossa vida profissional”.

Na sequência, esse direcionamento é enfatizado pelo autor, que, ao mesmo tempo, tece uma ressalva em relação a ele, como demonstra o Quadro 4.

Notação	Complexo Oracional	
$1(x\beta^{\alpha})^{\alpha}x2$	1	$x\beta$ Como regra geral, quanto mais se estuda,
		A mais o salário inicial é elevado
	x2	— embora varie de acordo com a oferta e a procura de competências.

Quadro 4 – Ocorrência de complexo oracional

A intensificação paratática sinalizada pelo elemento concessivo “embora” textualiza uma ressalva a uma ideia exposta anteriormente como certa e reiterada pela intensificação hipotática “quanto mais se estuda, mais o salário inicial é elevado”. Em outras palavras, a problematização explicitada por meio do simplexo inicial tem, à sua aparente resposta, uma oposição. Essa combinação de informações e relações lógico-semânticas introduzem a Questão, tendo em vista que a sequência do texto é destinada a apresentar desdobramentos sobre ela, com a discussão de dois Lados, ou seja, pontos de vista sob os quais é possível avaliar a relação entre “anos de estudo” e “vida profissional”.

No início da etapa Lados, o lado 1 é textualmente sinalizado pelo elemento coesivo “se”, que introduz o complexo hipotático do Quadro 5 e aponta o primeiro ponto de vista a ser explorado.

Notação		Complexo Oracional
$x\beta(\alpha \wedge \beta)^{\wedge}\alpha$	α	Se acreditamos
	β	que o contracheque reflete a nossa contribuição para a produtividade da empresa,
	α	os anos de estudo são a maior fonte de progresso.

Quadro 5 – Ocorrência de complexo oracional

A intensificação que principia o complexo oracional condiciona a validade da Questão inicial – “os anos de estudo são a maior fonte de progresso” – à ideia de acreditarmos “que o contracheque reflete a nossa contribuição para a produtividade da empresa”. Dito de outra forma, se analisada sob esse ponto de vista, a resposta inicialmente sugerida para a Questão na primeira etapa do texto é ratificada, do que inferimos ser o lado 1 defensor da opinião de que “o número de anos de estudo é o mais poderoso determinante do que vamos ganhar”.

Esse primeiro ponto de vista, condicionado a uma crença, é em seguida reforçado pela construção paratática reproduzida no Quadro 6.

Notação		Complexo Oracional
$1^{\wedge} [[]] +2$	1	[[[Quem estudou pouco ou nada]] não só começa com um salário medíocre,
	+2	mas permanece a vida inteira no mesmo nível

Quadro 6 – Ocorrência de complexo oracional

Nesse complexo oracional, a oração +2 expande a oração 1, estendendo seu significado de maneira a não estabelecer uma relação de adversidade, já que, associada à expressão “não só começa com um salário medíocre”, indica uma ideia de complementação. Nesse sentido, podemos inferir que são somadas duas situações em que a importância dos anos de estudo para a remuneração profissional se manifesta.

Essas situações – “não só” o começo da vida profissional, “mas a vida inteira” –, em conjunto com o simplexo reproduzido no Quadro 7, servem como argumento para o ponto de vista expresso anteriormente no Quadro 5.

Notação	Simplexo oracional
[[]]	Nosso primeiro salário reflete aqueles conhecimentos [[que a Escola nos deu e que o mercado valoriza]]

Quadro 7 - Ocorrência de simplexo

Nesse simplexo, por meio de encaixamentos, é reiterada a ideia de que “o primeiro salário” é proporcional aos “anos de estudo”. Na primeira oração encaixada, temos a caracterização de “conhecimentos”, especificando-os como aqueles recebidos da Escola, ou seja, institucionalizados, não oriundos da prática profissional. Em seguida, a extensão paratática que relaciona a segunda oração encaixada à anterior sugere que os “os conhecimentos que a Escola nos deu” são os mesmos “que o mercado valoriza”, comprovando a ideia de proporcionalidade entre estudo e remuneração profissional defendida no lado 1.

Essa ideia, no entanto, é abandonada na sequência do texto com a inserção do simplexo apresentado no Quadro 8, que, ao promover o que podemos chamar de “quebra” de expectativa, sinaliza a segunda fase que constitui a etapa Lados.

Notação	Simplexo oracional
[[]]	Em boa medida as empresas remuneram de acordo com a capacidade [[de produzir de cada um]] — e com a escassez relativa daquele perfil de mão de obra [...].

Quadro 8 - Ocorrência de simplexo

Nesse simplexo, é textualizada uma mudança de foco frente à Questão: a importância do estudo cede lugar à “capacidade de produzir de cada um” e à “escassez relativa daquele perfil de mão de obra”. Em outras palavras, a menção à produção, expressa na oração encaixada, e a fatores de mercado revelam que o ponto de vista discutido no lado 2 defende a prática profissional e a realidade do mercado de trabalho como fatores que influenciam a remuneração, e não necessariamente o estudo.

Essa influência é enfatizada pelo complexo oracional que vem na sequência do texto, como pode ser observado no Quadro 9, e funciona como um argumento para a ideia defendida no lado 2.

Notação	Complexo Oracional	
$\beta^{\wedge} (\alpha\beta (1+2) \alpha$	$x\beta$	1 Se pagam cada vez mais, ao longo da nossa carreira,
		+2 se o salário segue crescendo,
	α	isso significa [[que nos tornamos mais produtivos]].

Quadro 9 – Ocorrência de complexo oracional

Nas duas primeiras orações que compõem o complexo oracional, as relações lógico-semânticas de intensificação apresentam o aumento progressivo do salário “ao longo da nossa carreira” como condições que encaminham para uma constatação: “nos tornamos mais produtivos”. Essa constatação, textualizada pela a oração dominante “isso significa”, combinada ao encaixamento, evidencia a direta proporcionalidade existente entre a “capacidade de produzir” e a remuneração do profissional, o que é ratificado pela relação de extensão do tipo adição (“se pagam cada vez mais, ao longo da nossa carreira, se o salário segue crescendo”), em que fica subentendido o conector “e” e reforçada a ideia de maior produtividade *versus* maior salário.

Na conclusão dessa fase, o complexo oracional que a realiza não só retoma o que fora apresentado ao longo do lado 2, como também se opõe à ideia defendida no lado 1, conforme mostra o Quadro 10.

Notação	Complexo oracional	
$1[[]]^{\wedge}+2$	1[[]]	Visto de outra maneira, [[o que aprendemos na Escola e tem uso imediato]] aumenta os salários,
	+2	mas não [aumenta] tanto .

Quadro 10 – Ocorrência de simplexo

No Quadro 10, ao ser introduzido pela expressão *visto de outra maneira*, o complexo oracional recupera e clarifica o que fora dito anteriormente. Ao fazê-lo, é reconhecida a influência do estudo – e da Escola – no aumento da remuneração, mas, em seguida, ela é relativizada pela oração paratática: “mas

não [aumenta] tanto”. Ao estabelecer essa relação lógico-semântica de adversidade, Cláudio de Moura Castro, de certa forma, não nega nenhum dos Lados, em vez disso parece evidenciar a problematização da Questão e a pertinência da discussão, já que deixa implícito que tanto o estudo quanto a prática e o mercado e o mercado interferem na remuneração.

Essa consideração da influência de ambos os fatores, porém, não se mantém na última etapa da Estrutura Esquemática que compõe o texto. Encabeçado pelo elemento coesivo “logo”, que explicita a relação lógico-semântica de conclusão, o simplexo reproduzido no Quadro 11 sinaliza a Resolução e a definição do posicionamento do articulista frente à Questão posta inicialmente.

Notação	
[[]]	Logo, seja do ponto de vista individual, seja do da empresa, o aprendizado mais valorizado economicamente é aquele [[que se dá durante a vida profissional, não antes]].

Quadro 10 – Ocorrência de simplexo oracional

No simplexo apresentado, o articulista explicita o seu posicionamento, ou seja, expõe sua tomada de posição sobre qual Lado é o mais válido: qual “educação” contribui mais para o crescimento salarial? A ocorrência de encaixamento evidencia que “o aprendizado mais valorizado economicamente” é o “que se dá durante a vida profissional, não antes”. Com isso, verificamos que o ponto de vista adotado pelo articulista se alinha ao discutido no lado 2.

Em resumo, a organização lógica e estrutural do texto aponta que, com o propósito de avaliar e analisar a Questão da influência da educação/escolarização na carreira e na remuneração profissional, Cláudio de Moura Castro produz seu artigo de opinião de modo a apresentar duas possibilidades de problematização da Questão proposta, configurando o texto analisado como um exemplar do gênero discussão. Na composição da Estrutura Esquemática de Gênero que o compõe, as etapas e fases se constituem e relacionam-se entre si por meio de relações lógico-semânticas de intensificação, que expressam condição, temporalidade e concessão, e de extensão, que expressam soma e adversidade. Além disso, os simplexos foram uma escolha linguística bastante frequente na realização do propósito comunicativo do texto.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos a análise sistêmico-funcional de um exemplar de artigo de opinião que aborda a temática educacional como determinante para uma ascensão financeira. Partindo de categorias analíticas advindas da Teoria de Gêneros australiana (MARTIN, 2009; ROSE, 2011; ROSE; MARTIN, 2012) e da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1989, HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014), centramo-nos na análise de quais relações lógico-semânticas são estabelecidas na organização da Estrutura Esquemática do Gênero instanciado em um exemplar de artigo de opinião.

Com a intenção de compreendermos o contexto que constitui o texto analisado, verificamos que o **campo** se refere à importância da educação ligada à prática profissional com questões correlatas à economia. Quanto à variável **relações**, a análise mostrou a existência de dois participantes: o articulista, que escreve o texto, e os leitores, especificamente, da revista *Vêja*. Textualmente, a relação estabelecida entre autor e leitor é de informalidade (emprego de 1ª pessoa). No que se refere ao **modo**, constatamos que os textos são escritos, em linguagem adequada à norma, com o emprego de frases declarativas e na voz ativa, uso frequente de qualificadores e escolha por verbos no presente.

Após a dedução do contexto em que o artigo de opinião fora produzido, procuramos identificar a Estrutura Esquemática do Gênero que o realizava, tendo por base categorias da TGR (MARTIN, 2009; ROSE, 2011; ROSE; MARTIN, 2012). Para nos auxiliar nessa identificação, descrevemos e analisamos como as categorias do complexo oracional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; 2014) realizavam cada um dos elementos que compunham a Estrutura Esquemática de Gênero.

Os resultados dessa análise evidenciaram que o artigo de opinião analisado instancia como dominante o gênero discussão, da família do argumentar. Entre as etapas, ocorrem relações lógicas que organizam o texto em termos composicionais e semânticos. Na etapa **Questão**, predominaram as relações hipotáticas e paratáticas por intensificação. Na etapa **Lado**, é possível evidenciar a predominância de simplexos para indicar a transição de fases.

Referências

- BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *ReVEL*, 7: 1-12, Porto Alegre, 2009.
- CASTRO, C. de M. A mágica da Educação. Seção Opinião. *Veja*, 2311. São Paulo, 6 mar. 2013.
- EGGINS, S. The Grammar of logical meaning: clause complex. EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London: Continuum, 2007.
- EGGINS, S.; MARTIN, J. R. Genre and registers of discourse. Van Dijk (org.). *Discourse as structure and process. Discourse studies: a multidisciplinary introduction*. London: SAGE Publications, 1999.
- FARENCENA, G. S. *Artigo de opinião como macrogênero: relações lógico-semânticas na perspectiva sistêmico-funcional*. Santa Maria: UFSM, 2016. 305 fl. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- HALLIDAY, M. Part I. In: HALLIDAY, M.A.K e HASAN. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. *An introduction to systemic functional grammar*. London, UK: Arnold Publishing, 2004.
- HASAN, R. Part II. HALLIDAY, M.A.K e HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARTIN, J.R. Genre and Language Learning: a social semiotic perspective. *Linguistic and Education*, v. 20, 1: 10-21, Palo Alto, Califórnia, USA, 2009.
- MARTIN, J.R. *Learning to write, reading to learn: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. London: Equinox Publishing, 2012.
- MARTIN, J. Rin.; ROSE, D. *Genre relations*. London: Equinox, 2008.
- MARQUES DE MELO, J. de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- ROSE, D. *Reading to Learn: selecting and analysing texts*. Teacher training books and DVD. Sydney: Reading to Learn, 2011.

THE SCHEMATIC STRUCTURE OF A GENRE AND THE LOGICAL-SEMANTIC RELATIONS IN AN EXAMPLE OF ARGUMENT GENRE.

ABSTRACT

From the focus on genre from the School of Sydney (ROSE; MARTIN, 2012) and the Systemic Functional Grammar (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), this article aimed to verify how the logic-semantical relation contribute to the organization of the Scheme Structure of a sample of the discussion genre. As predominant, it was verified hypotactical and paratactical relations of intensification, and simplexes.

KEY-WORDS: genre Scheme structure; logic-semantical relations; discussion genre

ANEXO A

A mágica da Educação

Vale a pena refletir sobre o elo entre a Educação e o que acontece com nossa vida profissional. Sabemos que, ao deixar a Escola e encontrar um emprego, o número de anos de estudo é o mais poderoso determinante do que vamos ganhar. Como regra geral, quanto mais se estuda, mais o salário inicial é elevado – embora varie de acordo com a oferta e a procura de competências.

Se acreditamos que o contracheque reflete a nossa contribuição para a produtividade da empresa, os anos de estudo são a maior fonte de progresso. É o que Adam Smith dizia e que já foi exaustivamente medido. De fato, quanto maior o estoque de Educação com o qual iniciamos a vida profissional, mais ganhamos. Ou seja, no dia em que pleiteamos um emprego, o mercado valoriza o que aprendemos na Escola. Portanto, há boas razões para a Escola ensinar bem aquilo que conta para um bom desempenho profissional.

Mas os números contam mais histórias. Quem estudou pouco ou nada não só começa com um salário medíocre, mas permanece a vida toda no mesmo nível. Já para os que têm mais Educação, no curso da sua vida profissional, o salário pode duplicar ou triplicar. Esses aumentos são espantosamente maiores do que o benefício de entrar mais educado no mercado de trabalho – no caso, comparado com quem tem menos Escolaridade.

Nosso primeiro salário reflete aqueles conhecimentos que a Escola nos deu e que o mercado valoriza. É fácil entender. Mas o que explicaria o avanço ao longo da carreira, se já havíamos parado de estudar? Como esquecemos muito do aprendido na Escola, até não seria absurdo pensar que o salário encolheria.

Em boa medida as empresas remuneram de acordo com a capacidade de produzir de cada um – e com a escassez relativa daquele perfil de mão de obra, mas não precisamos aqui entrar nesses complicadores. Se pagam cada vez mais, ao longo da nossa carreira, se o salário segue crescendo, isso significa que nos tornamos mais produtivos. É forçoso concluir que, de alguma forma, continuamos aprendendo. Ficamos mais educados, apesar de não estarmos mais na Escola.

Em outras palavras, os aumentos ao longo dos anos só podem ser explicados pela capacidade de aprender com a experiência vivida. Esse amadurecimento ao longo da vida – fortemente influenciado pela nossa Educação formal prévia – metamorfoseia-se em maior produtividade. Eis a mágica da Educação!

Visto de outra maneira, o que aprendemos na Escola e tem uso imediato aumenta os salários, mas não tanto. Conta mais o que aprendemos depois. Logo, seja do ponto de vista individual, seja do da empresa, o aprendizado mais valorizado economicamente é aquele que se dá durante a vida profissional, não antes. Essa conclusão, além de curiosa, não é sem consequências.

Tudo o que puder ser feito para maximizar o aprendizado ao longo da nossa carreira se traduz em avanços nos rendimentos. É importante lembrar, conta a qualidade da Educação que tivemos. Não são quantos fatos e fórmulas decoramos, mas a capacidade de ler. Escrever, pensar, decifrar o mundo ao nosso redor, bem como identificar e encontrar soluções para os problemas que vão aparecendo.

Pela vida afora, ajudará tudo o que possa facilitar, incentivar e promover o aprendizado, até o máximo condizente com o potencial de cada um. Ajudam os cursos, mentores, estágios ou grupos de discussão. Essa é a boa tese da Educação Permanente. Mas nem tudo vem de fora. Também funciona o esforço próprio, autodidata, de maneira totalmente informal. E, mais ainda, avançamos mercê de uma insaciável curiosidade e de uma atitude de sempre fazer perguntas e procurar respostas. O que importa é a busca incansável de formas de alimentar a nossa sede de conhecimentos e de novas soluções.

Nossa carreira depende do esforço para continuar a aprender. O tesouro da Educação não está no diploma e no que Ensinou a Escola, mas sim no que ela nos permite crescer depois.

Fonte: Revista *Veja*, edição 2311 - 6 de março de 2013